

O grande teste das próximas negociações externas

Divida

A decisão do governo brasileiro de suspender os pagamentos das parcelas do principal devidas aos países representados no Clube de Paris, cujos bancos oficiais não proporcionaram ao País, desde o acordo de janeiro deste ano, novos créditos comerciais, já era prevista há algum tempo. Logo após a sua posse, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, declarou que o Brasil seria obrigado a tomar uma medida desse tipo se a maioria dos países industrializados persistisse em sua atitude negativa. Foi uma espécie de advertência e, como muitos dos signatários do acordo não tomaram conhecimento dela, o governo brasileiro praticamente não tinha outra alternativa.

O governo não fechou as portas às negociações, preferindo continuar fazendo o pagamento dos juros devidos neste ano, no valor de US\$ 242 milhões, mas não era isso realmente que importava. Com a suspensão do pagamento das amortizações, o Brasil deixará de desembolsar US\$ 1,050 bilhão, uma soma preciosa em face da posição atual das reservas, que

mal dão para cobrir três meses de importações.

É óbvio que os governos dos países industrializados estão agindo em concerto com os bancos credores privados. Como se recorda, o acordo com o Clube de Paris foi concluído passando por cima da exigência de monitoramento da economia brasileira pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas os governos dos países industrializados não esperavam que, cerca de um mês depois, o Brasil viesse a declarar uma moratória quanto aos pagamentos dos juros devidos ao sistema privado. A recusa dos governos em conceder os créditos comerciais através de seus Exim-banks pode ser interpretada como um protesto contra a atitude do governo Sarney.

Na sequência dos acontecimentos, a postura brasileira não mudou. O que o País pleiteia junto aos bancos internacionais, conforme a exposição feita pelo ministro da Fazenda na Câmara dos Deputados, é um refinanciamento no valor de US\$ 7,3 bilhões (US\$ 4,3 bilhões para este ano e US\$ 3 bilhões para 1988), redução dos

"spreads" e estabelecimento de um teto acima do qual os juros não seriam pagos, mas capitalizados.

Não é um tipo de acordo muito diverso dos que o País propôs no passado e guarda bastante semelhança com o que foi concluído com outros países, como o México, por exemplo. As grandes questões que se levantam é se, depois de terem aumentado as suas reservas para cobrir prejuízos em operações com o Terceiro Mundo, os grandes bancos credores, sob a liderança do Citibank, aceitariam tal tipo de acordo sem um endosso explícito do FMI, que volta a ser colocado como árbitro dos processos de renegociação de dívidas.

A esse respeito, a posição do governo brasileiro, reafirmada recentemente pelo presidente José Sarney, é perfeitamente clara: o País não aceita o monitoramento pelo FMI de programas de reajuste econômico preconizados pela própria instituição. Mas, como explicou Bresser Pereira, o Brasil dispõe-se a um diálogo construtivo. O que deseja o governo, através do plano de consistência macroeconômica em elaboração, é a

aceitação da premissa básica de manter a economia em crescimento a uma taxa de 5% neste ano e de 6 a 7% nos anos subsequentes, metas estas compatíveis com um saldo comercial por volta de US\$ 8 bilhões em 1987 e de US\$ 10 bilhões a US\$ 11 bilhões no biênio seguinte. Se um plano nessas linhas for aceito pelo FMI, a questão que deve ser debatida pela sociedade, conforme salientou o ministro da Fazenda, é se seria ou não conveniente fazer um acordo com o Fundo, o que, sem dúvida, facilitará o entendimento com os bancos internacionais e com os governos dos países industrializados.

Trata-se de uma posição corajosa assumida pelo ministro. Em essência, trata-se de saber se o FMI mudou ou não. Muitos afirmam que a instituição apenas amenizou a sua retórica, passando a aceitar da boca para fora a necessidade de os países endividados manterem suas economias em crescimento. Outros crêem que o FMI mudou ou pode mudar. Este será o teste das próximas negociações em torno da dívida externa.